

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Newton Aquiles Von Zuben'

Pensar a possibilidade ou o sentido da articulação entre esses dois conceitos implica, antes de mais nada, pensar a própria tarefa que a reflexão filosófica reconhece como sua na atualidade, frente às denominadas ciências humanas.

Estabelecer, de plano, o tipo de referência — a de contribuição — sem decidir antes a respeito do sentido dos dois conceitos pode conduzir a uma idéia equivocada que disvirtua essa relação. Ademais, a ênfase dada, sem mais, a um tipo de relação, pode levar a uma unilateralidade: a contribuição da Filosofia à Educação, deixando em segundo plano a eventual contribuição da Educação à Filosofia.

O problema das relações entre campos do saber pode ser encarado como uma questão de demarcação entre esses campos. Disciplinas ou campos do saber podem manter relações incômodas uns com os outros. O exemplo característico é o que sucedeu com a Teologia e a Filosofia na Idade Média, quando a Filosofia era concebida como serva da Teologia. É necessário uma demarcação clara para se evitar que uma disciplina seja absorvida ou até mesmo eliminada por outra. A interdisciplinaridade é um assunto urgente atualmente; ocorre muitas vezes, e no campo das ciências humanas com maior frequência, que aquilo que é dito uma atividade interdisciplinar não passa de simples cooperação entre especialistas.

Muito se tem escrito sobre a Filosofia: o que ela é e o que ela não é; sobre sua história e as lendas que acompanham tal história; sobre seu futuro, sobre suas relações com as ciências naturais e as ciências

Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP

Em Aberto. Brasília, ano 9. n 45. jan mar. 1990

humanas, com a história, com a política, a religião. Igual volume de escritos são dedicados à análise das diversas orientações ou escolas filosóficas, estudos que procuram convergências ou divergências entre elas. Por outro lado, há de se convir que sob o termo "filosofia" agregam-se atividades intelectuais muitas vezes heterogêneas que mal conseguem circunscrever um campo bem delimitado com métodos e problemas aceitos universalmente. Os termos "filosofia" e "filosófico" têm sentidos tão variados segundo a época e o lugar, e, as criações intelectuais que seus autores denominaram de filosóficas são tão diferenciadas, que poder-se-ia acreditar que as diversas épocas jamais aplicaram o nobre nome de "filosofia", forjado pelos gregos, às mesmas obras. Pode-se chegar a uma "essência" da Filosofia para além destas manifestações particulares no decorrer da história?

Estruturalmente a Filosofia não é uma ciência igual às outras, não porque nada tenha a ver com elas, ou pela fato de ser, como muitos afirmam, uma síntese delas ou o seu fundamento. Inumeráveis estudos são consagrados à "questão das relações entre Filosofia e Ciências". As conclusões a que chegam, deixam entrever que não há propriamente total independência entre esses dois campos, e nem a possibilidade de uma mútua redução. Ademais, sendo uma atividade que não se furta a defrontar-se com questões que afetam não só os modos científicos de racionalidade, mas outros modos, a Filosofia contém um componente ideológico. O mesmo pode ser dito no caso das "ciências da educação". Porém, o que se questiona antes de tudo, para além da análise das relações mútuas é a própria relação entre a atividade filosófica e o fato educação. Não só as ciências da educação apresentam problemas à filosofia, mas é a própria natureza do educar que exige do filósofo reflexão.

Creio válida a preocupação do Prof. Régis de Moraes, em seu ensaio **Discurso Humano e Discurso Filosófico na Educação**, quando aponta "no meio filosófico de hoje um certo medo de lidar com a educação — medo este que, no mais das vezes, vem travestido de descaso" (In:

Filosofia da educação, Campinas. Papyrus, 1980, p. 120) Reconhecendo a polissemia do termo educação, e a existência de tanta instabilidade na preocupação com o educar, afirma que seria "melhor quem sabe silenciar" (idem). "É tão mais cômodo", prossegue o autor, "tratar de objetos assépticos e manter nossas mãos bem limpas, que aceitar o desafio dessa coisa esquisita que é o refletir sobre a educação pode dar a estranha sensação de que estamos sujos' de humanidade" (idem p. 121).

O alerta sobre o "descaso" com que é tratada na atualidade, questão tão essencial quanto a das relações entre Filosofia e Educação, não pode ser, ele próprio, tratado com indiferença: ao contrário, nos faz pensar. O filósofo não pode furtar-se às interpelações da educação com receio de "sujar a mente". Será que realmente ouvir as questões da educação implica em alguma "impureza" para a mais nobre atividade do homem!? Será a educação um "objeto" que apresente algum desvio da função ou alguma desqualificação da perfeição e da dignidade da reflexão filosófica?! Pensar a educação é para o filósofo algo menos nobre do que pensar a política, a história, a sociedade, o conhecimento, a religião? Onde está o filósofo quando pensa a educação? O quê, na educação, nos faz pensar? À questão: "o quê nos faz pensar?" Kant respondia: a necessidade da razão, a busca de sentido que impele os homens a colocar questões". E mais. o que passa pela cabeça de um filósofo quando não reconhece na educação "objeto" digno do filosofar? Que razões o levam a tal posição? Não se pode supor que seja uma posição gratuita, ou, quem sabe, movida por mero preconceito. O espanto está presente nos dois lados da contenda: de um lado. os que negam dignidade à educação de ser objeto de reflexão filosófica — "pode ocorrer tudo ai menos filosofia" opinam. Estes se espantam com a simples menção da possibilidade de a educação ser objeto da reflexão filosófica. de outro lado. os que advogam a urgência de um questionar filosófico da educação se espantam com a parcialidade infundada dos primeiros.

Não obstante a relutância de alguns filósofos em reconhecê-la, a Filosofia da Educação já possui lugar consagrado no âmbito da Filosofia, com a mesma importância e sentido que outras disciplinas filosóficas. Tais

divergências merecem uma investigação. Não se trata de decidir quem está certo ou quem se equivoca O âmbito deste ensaio restringe minhas pretensões, que aliás são bem modestas. No momento gostaria de repartir com o leitor algumas preocupações de alguém ligado ao estudo da filosofia, alguém que se dedica, com prazer, à Filosofia. Contento-me em "repetir" (no sentido que lhe confere Heidegger, de **alcançar**) o sentido da tarefa da reflexão filosófica tal como alguns mestres da Filosofia nos legaram. Minha pretensão não se apresenta como um rastreamento de caráter histórico e exaustivo de todas as concepções passadas ou presentes, pois isso seria simplesmente impossível de ser feito no espaço de um breve ensaio. Apresento somente algumas meditações sobre a questão da tarefa da reflexão filosófica esperando colaborar com a questão das relações entre Filosofia e Educação.

O que aprendemos com nossos mestres sobre a atividade do filosofar? Muitas coisas e às vezes desconcertantes.

Primeiro: atividade filosófica não é bem entendida pelos não-filósofos. Platão, no diálogo **Teeteto**, relata a estória da jovem camponesa da Trácia que, vendo Tales caindo num poço enquanto caminhava observando o movimento dos astros, riu e zombou do sábio por sua preocupação em saber o que se passa no céu, ignorando o que está sob seus pés! E mesmo Platão acrescenta: "Tal é nosso filósofo que se prestra à zombaria não só das mulheres da Trácia, mas de todos..., sua falta de jeito o faz parecer um tolo". Hannah Arendt, em seu **The Life of the Mind**, afirma "é antes pelo riso do que por hostilidade que a multidão reage naturalmente às preocupações do filósofo e à inutilidade aparente de seus empreendimentos" (p. 82). Parece não ser prerrogativa da atualidade ver a atividade filosófica com certa ironia, não lhe reconhecendo utilidade alguma. O desprezo pela filosofia aliado a um tipo esquisito de "aplicação" da reflexão filosófica por parte de muitos, filósofos ou não, se deve à incompreensão amplamente difundida, à qual aquele que faz estas coisas ou os professores da filosofia muitas vezes não estão atentos, do sentido do próprio filosofar. "A Filosofia se acha necessariamente fora de seu tempo, por pertencer àquelas poucas coisas cujo destino consiste em nunca poder nem dever encontrar ressonância ime-

diata na atualidade. Onde tal parece ocorrer, onde uma filosofia se transforma em moda, é porque ou não há verdadeira filosofia ou uma verdadeira filosofia foi desvirtuada e abusada segundo propósitos alheios, para satisfazer às necessidades do tempo" (HEIDEGGER, **Introdução à metafísica**, p. 45).

Heidegger aponta duas razões para a "inaturalidade" da Filosofia. "Ou porque", diz ele, "a Filosofia se projeta para muito além da atualidade, ou então, porque faz se remontar a atualidade a seu passado-presente originário" (idem, p. 45). A Filosofia não é compreendida, continua o mesmo filósofo, e tal incompreensão não se situa somente no senso comum, mas sobretudo no mundo científico. Pode-se compreender que não é fácil para os filósofos darem conta, aos que não se ocupam da filosofia, desta maneira por eles escolhida de se ocuparem na vida. Parece até que os filósofos devem incessantemente justificar sua existência e seu que-fazer como empreendedores de algo totalmente insólito. A Filosofia, continua Heidegger no mesmo ensaio, não é "um saber que, à maneira de conhecimentos técnicos e mecânicos se possa aprender diretamente ou, como uma doutrina econômica e formação profissional se possa aplicar imediatamente e avaliar de acordo com sua utilidade" (idem, p. 45). Heidegger em seu diagnóstico indica dois tipos de incompreensões da filosofia. Primeiro, a sobrecarga das possibilidades da própria filosofia supostamente responsável em proporcionar os fundamentos para a constituição de uma cultura. "As mais das vezes", diz ele, "o excesso dessas exigências se apresenta na forma de uma deficiência por parte da filosofia. Diz-se, por exemplo: deve-se rejeitar a metafísica porque não colaborou na preparação da revolução. Isso é exatamente tão espirituoso, como se alguém dissesse: porque não se pode voar com um torno, há que se destruí-lo" (idem, p. 47). Em segundo lugar, outro tipo de incompreensão se refere "a uma distorção do sentido de seu esforço" (idem). Tal tipo de incompreensão articula-se com o primeiro. Não podendo proporcionar os fundamentos de uma cultura, a filosofia poderá, é o que se supõe, facilitar-lhe a construção. Espera-se da filosofia, diz Heidegger, "o fomento e até mesmo a aceleração do dinamismo técnico-prático da cultura no sentido de uma facilitação" (p. 48). Heidegger assevera que ao invés de tornar as coisas fáceis, a filosofia as torna mais graves,

"pois, o agravamento da existência histórica... constitui o sentido autêntico de seu esforço" (idem, p. 49).

A impressão que se tem muitas vezes é de que "com a filosofia não se alcança resultado", ou que "com ela não se (faz nada)". Tentar provar o contrário aos que assim opinam não é outra coisa, segundo Heidegger. "que consolidar a incompreensão reinante" (p. 50). Tal incompreensão se "cifra no preconceito segundo o qual se poderia avaliar a filosofia de acordo com os critérios vulgares, com que se decide da utilidade das bicicletas ou da eficácia de banhos medicinais" (p. 50). Se com a filosofia nada se pode fazer, nem por isso termina o juízo sobre ela. pois é possível ainda uma contrapergunta: "se nós nada podemos fazer com a filosofia, acaso a filosofia também não poderá fazer alguma coisa conosco, contanto que nos abandonemos a ela?" (idem, p. 50).

Pode-se pensar que tanto a idéia que o leigo faz da filosofia — que nela nada vê de útil — quanto a idéia de filosofia que têm os cientistas — com sua pretensão de arvorar-se com o direito de deter o único saber rigoroso e verdadeiro, vendo nas investigações filosóficas "pura metafísica" — tenham respaldo ou tenham algo a ver com o sentido da atividade filosófica tal como sua História nos legou. "Toda a história da filosofia, afirma Hannah Arendt, que nos diz tanto sobre o objeto e tão pouco sobre o processo de pensamento e sobre as experiências do eu pensante, é o teatro de uma guerra intestina entre o senso comum, este sexto sentido que ajusta os cinco outros a um mundo comum e à faculdade de pensamento e necessidade de razão que impelem o homem a retrair-se durante intervalos consideráveis" (**The life of the mind**, p 81).

Pois bem, qual é afinal a tarefa da filosofia? A sua história nos instrui que aquilo de que mais se ocupa um filósofo são **questões**. "Os filósofos se voltam, de início, em direção ao enigma do mundo e da vida, e é daí que surgem suas concepções da filosofia; qualquer posição ulterior ocupada pelo espírito filosófico se vincula a esta questão fundamental. todo trabalho filosófico vivo nasce no âmbito desta continuidade e o passado da filosofia age em cada pensador de modo a que este seja

conduzido a tomar sua posição nova. mesmo que ele se desespera sabendo que o grande enigma, talvez, jamais seja resolvido". (DILTHEY, **Le monde de l'esprit**, tomo I, p 348).

Questão, eis um conceito denso em filosofia. "Questões". diz Heidegger, e muito menos questões fundamentais não se encontram tão facilmente como pedras ou água. Questões não se dão à maneira de sapatos ou roupas ou livros. "HEIDEGGER, op cit., p. 59). Essa maneira um tanto irônica de se expressar mostra como Heidegger encara com seriedade a tarefa específica da filosofia e como se apressa em distingui-la do saber científico, rejeitando a opinião segundo a qual este "seja única e a forma própria de pensamento rigoroso e de que somente ele pode e deve ser erigido em critério de pensamento filosófico" (idem p. 65). A filosofia nunca nasce da ciência nem pela ciência, continua ele. "A filosofia situa-se num domínio e num plano da existência espiritual inteiramente diverso Na mesma dimensão da filosofia e de seu modo de pensar situa-se apenas a poesia" (idem. p. 65-66)

Como entender uma questão?

Ao se tentar compreender a natureza da "questão", várias interrogações surgem, existe uma **constante** que sustenta todas as manifestações históricas diante de uma questão? Esta constante relaciona-se com o conteúdo da questão ou com a postura do próprio questionador? Trata-se de um processo de elucidação ou de dedução de vários atributos de uma essência única e dada de modo definitivo? Seriam as respostas puras elucidações conceituais⁹ De que modo uma "resposta" é instruída pelas respostas anteriores ? A passagem de uma "resposta" de certa época histórica a outra posterior se dá por acaso? Cada nova posição abre novas possibilidades: mas não devemos reconhecer a existência de um encadeamento que se processa graças a uma força — *dynamis* — diretora que caracteriza a própria questão como questão? Para esclarecer esses pontos pode-se tentar entender a estrutura da questão.

A questão pode ser considerada como uma forma de antecipação que aguarda o seu preenchimento Sendo forma, ela não teria ainda um conteúdo Porém, enquanto é antecipadora, uma orientação em direção

a um conteúdo que deveria colocar um termo à expectativa que ela constitui, a questão não possui uma forma pura, no sentido da lógica formal, mas uma forma indicadora, reclamando de algum modo o conteúdo apropriado e, neste sentido, ela tem em si mesma, como questão. um conteúdo (Cf. LADRIÈRE, **Vida social e destinação**, p. 130) Este conteúdo esperado, a resposta, não representa simplesmente a explicitação de um conteúdo da antecipação. Representa antes a demarcação do espaço onde poderá surgir a resposta. A própria questão estabelece o âmbito onde se inscreverá a "resposta". É nesse sentido que a questão encerra uma pré-compreensão da realidade por ela abordada. Isto nos lembra o questionamento Socrático. Com efeito, se tentarmos apreender o sentido de uma questão, pressupomos que não o apreendemos ainda: se procuramos o seu sentido, ele não é ainda conhecido, e pode ser apreendido. Por outro lado, de algum modo, o conhecemos, já que sabemos o que procuramos Sócrates (Cf. PLATÃO, **Menon 380**) qualificou esta ambigüidade de "proposição batalhadora", segundo a qual é tão impossível o homem procurar o que já sabe como procurar o que desconhece. O que ele já conhece não precisa procurar, pois já sabe: aquilo que ele não sabe e não pode procurar, uma vez que desconhece o que deve procurar.

Questionar parece ser, então, a aspiração secreta da paixão filosófica. Questionar é tarefa do pensamento.

Ocorre, porém, imediatamente a interrogação: a respeito de que questões está o filósofo qualificado a se pronunciar? Afirmar que os filósofos são os melhores qualificados para colocarem a "questão do ser" faria rir metade dos que fazem filosofia. Afirmar, então, que são qualificados a se pronunciarem sobre qualquer questão, provocaria gargalhadas em todos os filósofos na atualidade (Cf. LAGUEUX, M., Pourquoi enseigner la philosophie? In: **Pourquoi la philosophie** p. 41-2). Mais adiante em seu artigo, ao se pronunciar sobre o que poderia caracterizar o empreendimento filosófico, este mesmo autor sugere, em primeira aproximação, que "realizar uma obra filosófica é esforçar-se por tornar articulados com toda coerência intelectual, os diversos aspectos da experiência humana" (idem, p. 44),

A busca de coerência, no entanto, não é uma preocupação exclusiva do filósofo ou um dado que caracterize o empreendimento filosófico com relação a outros. O filósofo é aquele que "sensibiliza", aquele que faz ver. que chama a atenção sobre aquilo que cada um pode ver por si mesmo com a condição de dedicar-se a certas questões (idem, p. 46). "Filosofar", afirma Merleau-Ponty, "é, pois, buscar, investigar, é implicar que há coisas a ver e a dizer" (**Eloge de la philosophie**, p. 49). Esse empreendimento de sensibilização torna possível a expressão que terá apoio em outros campos do conhecimento, o artístico e o científico. Estabelece-se assim um intercâmbio favorável para o progresso da compreensão de questões filosóficas. "A filosofia alimentada", diz Laguerre? "por uma experiência analisada por cientistas e evocada por artistas se esforça por traduzir, de modo coerente, o conjunto dessa experiência, não podendo fazê-lo, no entanto, senão com a condição de se pautar incessantemente pelas fontes que o alimentam", (op. cit. p. 50).

Questionar é investigar. Investigar é "abrir espaços", é **re-petir**. A filosofia nasce de uma exigência radical de conhecimento. É uma atividade teórica. Filosofar é **teorizar**. Como entender o teorizar? Provém de *theorein* que o grego entende por ver, observar, contemplar. Visão teórica não é qualquer visão. Ao tentar **des-cobrir** a realidade, o homem a enfrenta problemáticamente. O enfrentamento problemático está condicionado pela capacidade de o homem estranhar-se perante as coisas. Estranhamento não é simples assombro, surpresa. Estranhar-se perante as coisas é estranhar-se delas, fazer-se estranho a elas. Na atitude natural há um contato ingênuo com as coisas; não há verdadeiros problemas; tudo parece familiar. Na estranheza ocorre a ruptura, o trato habitual com as coisas é rompido. Ao nos surpreendermos, percebemos logo que as coisas são estranhas a nós e nós a elas. Na estranheza descobrimos o que a familiaridade encobria. Esta contradição, esse contraste entre o familiar e o estranho constitui o problema. O caráter formal de todo problema é a contradição. Na passagem da existência natural cotidiana, em que nada é problemático, à existência teórica é necessária uma volta, uma torsão, uma conversão que desliga o indivíduo do comércio ingênuo com as coisas. A conversão é a separação em relação ao que precede e adesão ao que vem.

Isso não basta: é necessário que o homem se estranhe também, isto é. volte-se para si próprio e coloque para si os problemas que descobre em seu estranhamento. A reflexão problemática é, pois, outra etapa da teorização. Questionar é uma tarefa do pensamento. E o pensamento é uma atividade mental "que nada condiciona" (ARENDT, H., op. cit. p. 70). Aquilo sobre o que se exerce o espírito, os objetos de pensamento, embora sejam fornecidos pelo mundo ou pela vida, não são, no entanto, condicionantes desta atividade mental. Na atividade reflexionante o homem se move fora do mundo dos fenômenos utilizando uma linguagem. palavras abstratas. O pensamento me furta da realidade sensível. Para que eu pense em alguém é necessário que ele escape de minha presença" (ARENDT, H., op. cit., p. 78). Ocorre, evidentemente, acrescenta Arendt. que se pense em alguma coisa ou em alguma pessoa ainda presente; nesse caso, porém, o pensador aparta-se como que clandestinamente daquilo que ali se encontra e comporta-se como se estivesse ausente (idem). Este distanciamento, este retraimento da realidade caracteriza, segundo H. Arendt, o pensamento. "Todo pensamento exige que se pare para refletir", diz ela.

O mesmo pensa Paul Valéry em sua sugestiva expressão: "Tantôt je pense tantôt je suis" (citado por Arendt, op. cit. p. 79). O objeto que aparece aos sentidos, para tornar-se ausente e poder assim ser evocado e tornar-se presente ao espírito, deve passar por um processo de "des-sensorialização" e ser transformado em imagem pela faculdade de imaginação. "Sem esta faculdade, diz Arendt, de tornar presente o que é ausente, sob forma des-sensorializada, não pode haver processo ou encadeamento de pensamentos possíveis" (idem, p. 85). Aquilo que estava às mãos, manifesto aos sentidos, torna-se longínquo e aquilo que está distante transforma-se em presente. O pensamento anula as distâncias espaciais e temporais (idem). Enquanto a percepção me coloca diretamente frente às coisas, a imaginação prepara os objetos de pensamento. Arendt introduz a distinção entre imaginação produtiva e imaginação reprodutiva. "O poder de criar", diz ela, "no interior da mente, entidades fictícias, tais como o licorne ou o centauro, ou personagens fictícias de um romance, que se chama comumente imaginação produtiva, é tributária da imaginação denominada reprodutiva; na imaginação produtiva os elementos

do mundo visível se encontram rearrumados, e isso só é possível porque estes elementos, manipulados com total liberdade, já sofreram o processo de des-sensorialização' do pensamento" (idem, p. 86) Assim, antes de levantar questões como **o que é felicidade?** ou **o que é justiça?** foi preciso ter conhecido pessoas felizes ou infelizes, ler tido conhecimento ou praticado atos justos ou injustos. Em suma, todo pensar é um "re-pensar".

Tais reflexões nos encaminham para a crucial questão da articulação entre pensamento e ação. teoria e prática. Muito se tem investigado sobre o assunto e diversas são as "teorias" ou "doutrinas". O âmbito deste trabalho não permite um estudo detalhado e exaustivo desta questão. Permita-me o leitor que retome brevemente uma idéia de H. Arendt. Pelo que foi dito acima, a atividade de pensamento procede com um distanciamento face à ação. Segundo H. Arendt, historicamente tal retratação face à ação é a mais antiga condição colocada à vida da mente. "Em sua forma primitiva, diz ela, a retração apóia-se sobre a descoberta de que só o espectador e jamais o ator conhece e compreende o espetáculo apresentado" (op. cit. p.92). Os espectadores não intervêm no que se passa, só observam o espetáculo.

O *theatés* (ou *thealroi* no sentido coletivo) que significa para o grego **o espectador**, tornou-se o termo filosófico *theorein*, entendido como contemplação. Aristóteles já distinguiu três tipos de vida "que os homens podiam escolher livremente, isto é, em inteira independência das necessidades da vida e das relações delas decorrentes" (ARENDT, H., **A condição humana**, p 20). Estes três modos de vida "têm em comum o lato de se ocuparem do 'belo', isto é, de coisas que não eram necessárias nem meramente úteis: a vida voltada para os prazeres do corpo, na qual o belo é consumido tal como é dado; a vida dedicada aos assuntos da **polis**, na qual a excelência produz belos efeitos; e a vida do filósofo, dedicada à investigação e à contemplação das coisas eternas, cuja beleza perene não pode ser causada pela interferência produtiva do homem nem alterada através do consumo humano" (idem, p. 21). Estava assim instaurada a diferença entre a *bios politikós* e a bios *lheorefikós*. Na filosofia política de Platão já encontramos a afirmação da superioridade da vida de contemplação com relação à **vida política** ou vida de **ação**.

O que se pode apreender, continua Arendt, desta distinção entre o lazer e o compreender, sugeridas pela distinção entre o autor e o espectador, é que "o espectador compreenderá talvez a 'verdade daquilo que é objeto de espetáculo, porém o preço que terá que pagar é a renúncia a qualquer participação no espetáculo" (**The life of the mind**, p 93).

Esta concepção se fundamenta na aceitação de que só o espectador poderá ver a peça como um todo; o autor tem um papel a desempenhar no conjunto, ele participa, toma parte, atua: como participante está ligado ao particular que deve seu sentido à pertença ao todo (a peça). "É por isso", esclarece H. Arendt, "que subtrair-se a toda participação direla. postar-se lora do jogo (o festival da vida), é não somente condição de julgamento, qualidade de árbitro na competição em curso, mas ainda da compreensão do sentido da peça" (op. cit. p. 94). Ao desempenhar seu papel na peça, o ator lem o valor de sua performance ligado à opinião *doxa*, que significa reputação e opinião do público espectador A sua reputação depende da opinião do público. A apresentação é decisiva para o alor; para o espectador não. O ator deve representar seu papel segundo o que o espectador espera dele pois é do espectador o veredito final sobre o fracasso ou sobre o sucesso (Cf. ARENDT. H., op. cit., p. 94).

A retração do filósofo face à realidade não significa, porém, abandono da realidade; ao contrário, ele toma distância para melhor compreender o sentido desta realidade. O essencial é à compreensão. Ao visar o real e o singular, o pensamento quer atingir o conhecimento do essencial e do necessário. Como já foi dito, a obra filosófica tenta articular com coerência os diversos aspectos da experiência humana, tenla compreender a unidade da vida individual e coletiva. Com eleito, dominamos a vida social na medida em que compreendemos suas leis e sua coerência. O vínculo com a realidade humana é essencial ao labor filosófico Se filosofar", alirma Merleau-Ponty em seu **Eloge de la Philosophie**, é descobrir o sentido primeiro do ser, não é possível filosofar abandonando a situação humana: é, pelo contrário, preciso assumi-la' (p 22). E o mesmo filósofo acrescenta que "o filósofo reconhece-se pela posse inseparável do gosto da evidência e do sentido da ambigüidade Deste

modo o filósofo defronta-se com a ambigüidade do duplo movimento de retração e engolfamento na realidade visando compreender-lhe seus sentidos. Tarefa sisifiana, pois "há sentido, há sentidos e há mais sentido" (REZENDE, Antonio M. de). E é este tenso equilíbrio do duplo movimento que sustenta a reflexão filosófica.

CONCLUSÃO

A filosofia é uma atividade — energia que possui seu fim em si mesma na expressão de Aristóteles — do pensamento que visa a compreensão. Para muitos filósofos esta atividade envolve revelação de pressuposições, procura de razões, exame de visões de mundo, recuperação reflexiva da experiência vivida, esforço em dissipar a ignorância, desenvolvimento da imaginação, expansão de horizontes, crítica de crenças e exploração de valores, estabelecimento de normas de ação, análise de conceitos, em suma, a busca da sabedoria.

Esta atividade é tributária de sua História. No seu *Protreptikos* Aristóteles descreve a atividade filosófica como "a atividade perfeita e sem escombros que, por isso, apresenta e encerra em seu seio a mais agradável delícia". A filosofia é, segundo ele, amada por ela própria e não pelos resultados que dela provém. Ela não é um meio para outros fins. Ademais, a razão é a laculdade mais nobre do homem e a contemplação teórica é a mais nobre atividade da razão. Tais são, entre outras, as razões pelas quais, para Aristóteles, o mais alto bem do homem consiste no to *theoresai*, no contemplar.

Aprender a filosofar é estar atento ao convite ao pensar. Refletir como se deve pensar, como se deve agir e como se deve viver na expressão de Agnes Heller. Aprende-se a filosofar para não se cair no ceticismo e no fanatismo. O fanático é, pois aquele que se recusa a duvidar quando o seu pensamento está em questão. Filosofar implica a recusa de qualquer posição dogmática. Seu "caminho" é o diálogo, abrir-se ao outro, ao novo. Rever o estabelecido. Há que se romper com uma prática ardiolosa e com um pensamento supersticioso.

O domínio e a razão de ser do filosofar é a palavra. "A palavra é meu reino", diz Paul Ricouer, "e disso não me envergonho." Pensamento e palavra articulam-se dialeticamente. "Nunca há pensamento que seja completamente pensamento", afirma Merleau-Ponty, "é. não peça à palavra o meio de aparecer a si mesmo. Pensamento e palavra descontam-se reciprocamente. Substituem-se continuamente um ao outro, são correias de transmissão, estímulos um para o outro. Todo pensamento vem das palavras e a elas regressa, toda palavra nasceu em pensamento e nele termina" (Sinais p. 28-9).

É neste reino de palavras prenes de sentido que se manifesta o labor do filosofar, permitindo a metamorfose dos acontecimentos em meditações, sem se comprazer consigo mesmo e atento sempre à ciência de seus limites, mas também às delícias de suas paixões.

No que diz respeito à possível contribuição da Filosofia à Educação, constata-se crescente preocupação com esta questão. São tentativas bem intencionadas de fecundação mútua entre estas duas ordens do conhecimento. Há que se evitar, contudo, vieses e reducionismos; não se deve entender a contribuição da Filosofia à Educação como uma espécie de prestação de serviços especializados de um quadro conceitual esotérico. Corre-se o risco de encarar-se o sentido desta inter-relação como se tratasse de um *kit* que reúne certos conceitos operatórios — cuja escolha e articulação entre si não fica esclarecida e muito menos fundamentada — que são encarcerados num âmbito teórico incompatível com aquele no qual foram primitivamente elaborados. Tal é uma das principais aporias epistemológicas da "aplicação" de um quadro conceitual ou de um método de uma ordem de conhecimento à outra.

Positivamente, acredito que foram conquistados alguns pontos. Restrinjo-me simplesmente a mencioná-los, pois o âmbito deste trabalho não permite análises mais amplas a respeito. É irreversível, um ponto de não-retorno, considerar os avanços recentes no campo das Ciências Humanas. Não ousou afirmar o mesmo para as denominadas Ciências da Educação. De qualquer maneira considera-se, no âmbito das Ciências Humanas e também no da Filosofia, a necessidade de articulação entre

as duas ordens de discurso — o científico e o filosófico — sem a pretensão de se reduzir um ao outro. Impõe-se efetivamente a contribuição mútua. Há convergência em se considerar que nas Ciências da Educação, ou no campo da Educação assim como na Filosofia o que está em jogo, em última análise, é o homem ou os homens. Como afirmou Ricoeur, "o ponto de junção entre Ciências Humanas" (e poderia substituir essa expressão do Professor Ricoeur por Ciências da Educação) "e a filosofia é a preocupação em reencontrar em nós mesmos aquela parte, aquele aspecto que não pode ser objeto de ciência" (**Interrogation philosophique et engagement**, p. 16). Trata-se de recuperar aquilo que em nós é sujeito. E na expressão de Rousseau, "é no coração dos homens que reside a beleza e a verdade da natureza".

Uma reflexão filosófica sobre a condição humana seria indispensável, então, para se pensar a Educação. Caberia à reflexão filosófica perscrutar por baixo das Ciências da Educação aprofundando-se em seus fundamentos "para inteirar-se do solo em que elas estão construídas" (RICOEUR. *idem*). Deve haver então, prossegue Ricoeur, "um retorno, uma volta aos fundamentos, a essa relação de encarnação que lenho com o mundo e que me faz aparecer como um ser que nasce e que morre,

portador de uma palavra a qual devo dar sentido a fim de reencontrar os outros homens. Há aí então todo um tecido existencial, articulado ramificado ao redor dessas noções de mundo, de carne do homem de carne do mundo, de escolha, de diálogo, de comunicação (*idem*. p. 14-5)

Muitos filósofos têm dedicado suas reflexões filosóficas aos problemas educacionais através do que se denominou análise dos conceitos (na linha da corrente da Filosofia analítica de inspiração anglo-saxônica) constitutivos da linguagem da educação. Quando acima se reconhecia a importância da Antropologia Filosófica para a Educação, aqui vemos o papel decisivo da Teoria do Conhecimento para a Educação

Uma coisa parece certa: o campo de fecundação mútua entre Filosofia e Educação é amplo. A tarefa que se impõe, de início, é então, tomar consciência da possibilidade deste empreendimento. E evitando vieses poderão os pedagogos estar certos de que a Filosofia não se reduz a mera especulação metafísica, e podem também os filósofos se tranquilizar. pois pensar a educação não deixa as mãos sujas e nem a mente'